

CONCEPÇÕES EDUCATIVAS FREIRIANAS E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Patrícia Araújo Damasceno* Bacharela em Nutrição / Graduanda em Tecnologia em Gastronomia. IF Baiano - Campus Catu. E-mail: patriciadamasceno.nutri@gmail.com
Hyago Souza Batista Técnico em Alimentos / Graduando em Tecnologia em Gastronomia. IF Baiano - Campus Catu. E-mail: hyagosouzabatista04@gmail.com
Anísia Gonçalves Dias Neta Mestra em Filosofia. IF Baiano - Campus Catu. E-mail: anisia.dias@ifbaiano.edu.br

* Autor correspondente

INTRODUÇÃO

No século XXI, ocorreu a explosão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) causando uma efervescência nos modelos de educação e comunicação (Kenski, 2008; Valente 2014). O cenário pandêmico atual lançou luz, de uma forma jamais vista antes, sobre a necessidade da utilização destas tecnologias na Educação Formal, uma vez que o isolamento social enquanto única forma de impedir a propagação do Coronavírus propiciou a implantação da modalidade ensino remoto nas instituições de ensino de todo o mundo, fenômeno que em outras circunstâncias levaria muito tempo para ocorrer. A apropriação e incorporação das plataformas virtuais online pela educação formal, além de possibilitar a utilização de ferramentas promotoras de interação mais atraentes ao público jovem, propicia a interação em tempo real entre discentes e docentes, permite a construção do conhecimento, fomentando discussões, fortalecendo diálogos e aproximando pessoas e suas distintas realidades.

Considerando todo o legado e a enorme influência de Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) para as práticas educadoras na busca da formação de indivíduos críticos-reflexivos e livres das manipulações sociais, faz-se indispensável abordar, ainda que de forma breve, o uso das tecnologias sob a óptica das teorias Freirianas, haja vista que o educador pregava sobre o caráter libertador e emancipador de uma educação realizada de maneira horizontal, considerando a importância de todas as instâncias do saber. Para ele, o saber popular não é algo inferior ou superior a outros tipos de saberes (Gomez, 2016), cabendo assim considerar o saber discente, sem que haja um condicionamento do professor ao saber do seu aprendiz (Gadotti, 1996), dado seu papel de problematizador dos conteúdos que mediatiza e de promotor de um ambiente propício ao aprendizado (Valente, 2014; Gomez, 2016), como evidenciado por Freire, no trecho transcrito da obra intitulada "Pedagogia da Autonomia":

Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (FREIRE, 1996, p.23).

Já uma análise cuidadosa do diálogo entre Sérgio Guimarães e Paulo Freire, nos permite atentar para o fato de que para a construção de uma educação libertadora de nada adianta camuflar uma educação bancária com o uso de novas tecnologias, uma vez que os conteúdos abordados seguirão sendo fragmentados e impostos ao outro para sua assimilação. Em contrapartida, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação ou informática de forma cuidadosa e crítica contribuem para o processo educativo (Gomez, 2016).

Quando se trata da promoção de uma educação em gênero e sexualidade, junto a jovens e adultos, foco central deste trabalho e próximo ponto a ser abordado, cabe ressaltar que o uso das tecnologias tem sido indispensável para fomentar discussões e construir conhecimento durante a pandemia.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM GÊNERO E SEXUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE INCLUSIVA E LIVRE

A desassociação da ideia de inerência entre gênero e sexo – a partir do pressuposto que por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero se constitui dos significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não estando condicionado a uma genitália (Bandeira, 2014; Butler, 2020), afirmando que, nenhum destino biológico, psíquico e/ou econômico é capaz de definir a forma que a fêmea humana se comporta em sociedade (Beauvoir, 2019) – contribuiu diretamente para a derrocada das teorias míticas da fragilidade, passionalidade e dependência feminina, descortinando as suas verdadeiras estruturas criadoras e mantenedoras que relegam a mulher, enquanto *Outro* do homem, a um lugar de submissão e marginalização.

A luta feminista possibilitou dentre muitas conquistas, um olhar mais sensível à realidade feminina, ao elencar a distinção entre sexo e gênero o movimento também lançou luz sobre a violência contra a mulher, suas origens e faces, conduzindo a sua posterior nomeação e discussão nas esferas da segurança pública, da saúde e do Judiciário. Entretanto, essas medidas não tem sido o suficiente para aniquilar a violência contra a mulher e garantir-lhes integridade, como destacado nos Estudos de Violência Global realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), nos quais o Brasil desponta como sendo o quinto país em casos de feminicídio, no mundo (Francheschini, 2015).

Segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), a cada quatro minutos uma mulher é agredida por um ou mais homens, estes, por sua vez, geralmente fazem parte do convívio social da vítima (Cubas, et al., 2019). No tocante às mulheres transgênero e travestis¹⁵, dados coletados pelo Sinan, apontam para uma realidade não menos desoladora (Boueri, 2019), estando as mulheres negras, sejam elas cis¹⁶ ou

¹⁵ Para melhor entendimento, trazemos definições de transgênero e travesti, de acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+ da Aliança Nacional LGBTI, como também a definição de transexual: a) transgênero: Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade; b) transexual: Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. As pessoas transexuais podem ser homens ou mulheres, que procuram se adequar à identidade de gênero; c) travesti: Uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade. Segundo Letícia Lanz, "não faz sentido escrever 'travestis, transexuais e transgêneros', ou usar TTT na sigla LGBTI+, uma vez que travestis e transexuais são transgênero por definição. Ou escreva-se travestis e transexuais, ou escreva-se transgêneros, ou, de preferência, pessoas trans." (REIS, 2018, p. 30)

¹⁶ Cis é uma abreviação do termo cisgênero e refere-se ao indivíduo que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído em consonância com sua genitália no momento do seu nascimento.

transgênero, mais propensas a essa forma de agressão (Federici, 2017), o que pode ser justificado mediante a agravantes como pobreza e racismo ao qual este grupo específico está mais vulnerável (Francheschini, 2015).

Ademais, a transfobia desponta como fator agravante das agressões sofridas por mulheres trans e travestis. De acordo com a pesquisa divulgada pela Organização Não Governamental **Transgender Europe** (TGEu), nos últimos oito anos foram mortos no Brasil ao menos 868 travestis e transexuais, alçando o país a quarta colocação entre as nações que mais matam pessoas transgêneras (Cunha, 2016). Já o levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) no ano de 2017 confirma que foram assassinadas 169 mulheres trans e travestis em solo brasileiro, o estudo aponta para o fato de 85% desses crimes terem sido executados com requintes de crueldade e uso excessivo de violência. Indica ainda o estado da Bahia como sendo o segundo em número de óbitos. Cabe considerar que esses dados estão sujeitos a subnotificação (Antra, 2018).

Nesse contexto, é que o Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade, aqui estudado, vem lançando mão das tecnologias digitais e das redes sociais na criação de espaços promotores de conhecimento através de estratégias como a do “Na boca da galera”, uma atividade que tem se mostrado espaço de discussão e entrevistas centradas nas questões de gênero e sexualidade que objetiva engajar o público jovem, dar espaço de fala para grupos sociais que historicamente foram silenciados, construir conhecimento crítico referente aos temas supracitados, quebrando as barreiras e levando estas discussões de forma acessível para além dos muros do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Acreditando na relevância do trabalho desenvolvido para a construção de uma sociedade inclusiva, igualitária, livre e pacífica é que buscamos compartilhá-lo com a comunidade científica, através deste relato de experiência.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade é oriundo de documento oficial de 2017 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, buscando estimular e promover ações de Ensino, Pesquisa e Extensão orientadas à temática da educação para a diversidade de gênero e sexualidade.

Todas as atividades desenvolvidas pelo “Na boca da galera” foram tecidas inspiradas na abordagem socioconstrutivista e em Paulo Freire, tendo suas culminâncias precedidas de levantamento bibliográfico e de reuniões, nas quais a equipe organizadora podia pensar o fazer educacional, discutir acerca dos temas a serem abordados, construindo e reconstruindo criticamente seus conhecimentos. Vale salientar ainda que todo o processo de planejamento e execução foi realizado por uma equipe multidisciplinar, composta por graduandos do curso de Tecnologia em Gastronomia, Licenciatura em Química e estudantes de Nível Técnico das áreas de Alimentos e Química, por intermédio da orientação de servidores, docentes e técnicos educacionais, membros do grupo de estudos.

Dentre todos os encontros realizados no formato “Na boca da galera”, neste trabalho nos deteremos apenas ao primeiro deles, cujo processo de discussão, planejamento e execução foram inteiramente realizados através do uso de tecnologias digitais. Para preservar a identidade dos convidados e participantes do evento, durante o processo de escrita deste relato, todos receberam um nome fictício. Sobre as perguntas realizadas, salientamos que algumas foram previamente pensadas com um intuito de iniciar a abordagem dos temas e estimular a participação

ativa do público, já outras surgiram de forma natural durante o transcorrer do evento. O encontro foi gravado mediante autorização de todos os participantes que concordaram com a utilização dos dados coletados para fins de pesquisa e publicação científica. E teve suas falas transcritas, posteriormente, por meio de uma análise criteriosa do vídeo que se encontra disponível para acesso público nas páginas oficiais do grupo de estudos.

DESENVOLVIMENTO

O tema escolhido para esta atividade foi diversidade na ciência, que teve como objetivo a importância da representatividade dentro da ciência, bem como a construção dos estereótipos de cientistas que ao longo do tempo vem contribuindo para a marginalização de alguns grupos sociais. Para tanto, contou com a participação de Isabela, mulher trans, pesquisadora em estágio de pós-doutorado, que iniciou sua transição nos anos finais do seu doutorado e Luciano, jovem cientista premiado e gay.

Inicialmente todos os presentes foram convidados a pensar o que é Ciência e quem são os Cientistas? Estes questionamentos nos conduziram por uma gama de falas muitas vezes coincidentes que indicam quão influenciadores e limitantes podem ser os estereótipos.

Um homem branco, mais velho e de jaleco.
(Lurdes, Gustavo, Marília, Rafaela e Branca)

São pessoas que se debruçam sobre determinado assunto de um determinado conhecimento.
(Alberto)

Desenvolver pesquisa ainda no ensino médio foi algo desafiador no sentido de entender que eu também era um cientista, porque voltando para tudo que já falamos hoje, né? Toda aquela ideia estereotipada de cientista que a gente tem, a gente leva pra vida [...] Até eu quando eu me autointitulo cientista, eu até sinto um pouco sabe... Uma coisinha que, tipo: Sou Cientista?! Aí eu volto, eu sou cientista. Então, teve todo esse peso, sabe?
De me auto reconhecer. (Luciano)

Já para abordar a questão de representatividade de gênero na ciência e o porquê da importância de sua diversidade foram utilizadas imagens da “Conferência de Solvay”, referente aos anos de 1927 e 2017, ambas com noventa anos de diferença, nas quais pode ser observado de imediato a incipiência da presença feminina e de pessoas negras. O que gerou comentários como:

A Ciência precisa ser diversa para não ser opressora. (Luciano)

É uma ciência que não representa a sociedade em sua totalidade. (Carmem)

Para discutir os pontos supracitados nos apoiamos nos estudos de Lino & Mayorga (2016), que buscando interpretar a parca presença de mulheres nestes espaços, conceituaram a ciência como sendo uma fonte de poder e conhecimento, criada por homens e para homens. Corroborando com esta discussão Barros & Mourão (2020), destacam-se a falta

de incentivos, tão característica quando nos referimos à inclusão de minorias em determinadas áreas de conhecimento, bem como a insegurança aprofundada pela estereotipação do que seria um cientista, que marginaliza grupos, inviabiliza sonhos e submete todos aqueles que mesmo não se encaixando nesses estereótipos ousam seguir galgando espaços na ciência.

Outro ponto a que chegamos durante as discussões é referente ao que parece ser uma nova hierarquização dentro da própria ciência que busca subdividir em uma escala de importâncias as Ciências Sociais, Biológicas e Exatas, como podemos observar abaixo:

Apesar de ser Bióloga, eu fiz pesquisa de Mestrado e Doutorado na área da educação e meu pai falou que o que eu fazia não era ciência, porque ele é da área de farmácia, né? E daí eu argumentando que era ciência com ele, né? Sobre construção de conhecimento. Então, ele falou: “Então o que você faz pode até ser ciência, mas não é hard science.” (Maria)

Ao abordar esse tema Barros & Mourão (2020) lançam luz sobre o que parece ser ainda que de forma camuflada, um discurso machista e excludente, considerando que culturalmente o feminino está associado ao cuidado, passionalidade, parcimônia, sensibilidade demasiada, inaptidão para as ciências exatas e no trato a temas abstratos, o que por si só já configura em um empecilho para a sua atuação no que seria o hard science.

Surgiram ainda discursos relacionados às formas de violência frequentes no ambiente acadêmico, o que nos remete aos estudos de Silva et al (2020) que apontam para o sofrimento psíquico relacionado à discriminação e estigmatização quanto à orientação sexual e à identidade de gênero, bem como para a maior incidência de suicídios e depressão as quais jovens destes grupos estão mais propensos. A pesquisa aponta ainda para os conflitos decorrentes dos encontros entre os ditos “normais” e os estigmatizados, evidenciando a inabilidade de aceitação plena do outro. Já Barros & Mourão (2020) atentam para o assédio fundamentado nos estereótipos de gênero experienciados pelas minorias em um ambiente marcado pela presença de homens cisgênero, heterossexuais. O que pode ser observado claramente nas falas abaixo:

Eu perdi vários projetos, eu perdi vários contatos, eu perdi bolsas, foram fechadas portas pra mim e tudo mais, só que ao mesmo tempo, como eu já era uma pessoa que quando eu transicionei já estava no final do Doutorado, eu já tinha artigos, eu já tinha alguma relevância na hierarquia e na estrutura do conhecimento, pelo menos da minha área, eu não podia ser completamente descartada, que geralmente é isso o que acontece quando você é uma pessoa que tá na graduação tentando começar. (Isabela)

Porque esse tipo e preconceito que ocorre aqui como eu já ouvi, né? Eu vou até falar porque, não estou mentindo: Professores que estão dentro dessas áreas agrárias e que fala assim “a gente vai castrar o boi”, aí chama algum menino que é

gay que tá exatamente naquela fase, mais... “vem aqui você fazer isso porque você sabe que isso não presta pra nada, né?” Então assim, esse tipo de piada, esse tipo de tristeza que a gente vê dentro da educação. (Laura)

Uma análise conjuntural dos dados evidencia um ambiente tóxico, misógino e machista, que corrobora diretamente com a marginalização dos grupos minoritários, seja através do desdém aos seus feitos, da criação de estratégias de diferenciação e hierarquização das ciências ou do discurso de ódio, valendo ressaltar que todos os estudos referidos aqui, bem como os relatos coletados, apontam para a necessidade e o caráter urgente de se construir uma ciência que represente a sociedade em sua inteireza.

Em verdade, este trabalho não poderia ser realizado fora das concepções educativas freirianas, uma vez que, apesar de existirem convidados para falar, não foi dado a estes o lugar hierárquico do saber, mas em todo tempo, todos os presentes, horizontalmente, foram chamados a refletir sobre o tema a partir de conversas startadas pelos convidados e aprofundadas por cada participante presente. O conhecimento, dessa forma, se dá através da reflexão crítica mediatizada, considerando que para Freire “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho ressalta o caráter urgente de se promover a Educação em Gênero, levando esta discussão para além dos espaços acadêmicos, tendo o jovem como disseminador de conhecimento e agente social transformador. Destaca-se a necessidade da construção de uma sociedade crítica e livre, capaz de reconhecer e combater as ferramentas que lhe oprime, de uma maior representatividade na ciência e na construção de políticas científicas, bem como da desconstrução dos estereótipos e fim da misoginia, dos discursos de ódio e da marginalização das minorias.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Brasil, 2018. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em: 16 de dezembro de 2020.

BANDEIRA, L.M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**. Vol. 29, nº 2, 2014.

BARROS, S.C.V; MOURÃO, L. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. **Psicol. Estud.** Rio de Janeiro, 2020.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Ed. 5ª, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOUERI, A. G. A violência contra mulheres trans e travestis começa em casa e continua do lado de fora. **Gênero e Número**, 2019. Disponível em: <http://www.generonumero.media/maioria-de-agressoes-mulheres-trans-e-travestis-ocorre-dentro-de-casa-revelam-dados-do-ministerio-da-saude/>. Acesso em: 31 outubro de 2020.

BUTLER, J. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, J. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CUBAS, M. G.; ZAREMBA, J.; AMÂNCIO, T. Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento. **Jornal Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

CUNHA, T. Rotina de exclusão e violência. **Correio Brasiliense**, 2016. Disponível em <http://especiais.correiobrasiliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acesso em: 16 de dezembro 2020.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANCHESCHINI, M. Brasil é o quinto país do mundo em ranking de violência contra a mulher. **Central Globo de Jornalismo**, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/11/brasil-e-o-quinto-pais-do-mundo-em-ranking-de-violencia-contra-mulher.html>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, p.78-79, 2005.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: Uma biobibliografia**. Cortez Editora. São Paulo, 1996.

GOMEZ, M. V. Paulo Freire: Re-leitura para uma teoria da informática na educação. **Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2016.

KENSKI, V. M. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 10, p. 647-665, 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 24 de Julho de 2021.

LINO, T.R.; MAYORGA, C. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Sau. & Transf. Soc.** Florianópolis, 2016.

MENEZES, P. O conceito de família na Sociologia. **Toda a Matéria**, 2019. Disponível: <https://www.todamateria.com.br/familiasociologia/#:~:text=Na%20sociologia%2C%20a%20fam%C3%ADlia%20representa,pelo%20cuidado%20com%20as%20crian%C3%A7as>. Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SILVA, J.C.P; CARDOSO, R.R; CARDOSO, A.M.R; GONÇALVES, R.S. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 2021.

VALENTE, A. Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. **Revista UNIFESO - Humanas e Sociais**. Vol. 1, n. 1, 2014.